

*Publicado em Zero Hora, 26 de março de 2005, no caderno Cultura, nas comemorações do 233º aniversário da cidade de Porto Alegre. Notas e atualização ortográfica de **Luís Augusto Fischer**, escritor, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, doutor em Letras, autor de, entre outros livros, **Para Fazer Diferença**.*



Crônica

Velório de marinheiro

Por Paulino Azurena

(Setembro de 1906)

"A um marinheiro, que pretendeu contrariar-lhe os desígnios, interpondo-se entre ele e a vítima, o Mar, em um simples repelão, atirou-o de encontro à amurada, arrebatando-lhe o peito"

Ontem. Manhã clara, fresca e serena: manhã convidativa. Céu límpido, sol radioso, aragem ligeira, o quanto dava para acordar de leve as águas do Guaíba, toda a noite dormentes... Navegantes. Linha, bonde dos Navegantes. Capela dos Navegantes...

Eis que ela surge, ao fundo da praça, ao fim de uma alameda de coqueiros, na praça de seu nome.

Branca de neve, poisada entre os verdores dos coqueiros e da grama, e à beira-rio, a capelinha do arrabalde parece uma garça, alçando para o céu o seu gracioso colo.

Mas a garça geme, mas a capela chora com a voz dolente de seus sinos.

Por quê?

Penetremos em seu interior, devasemos o seu íntimo.

Singeleza e asseio em tudo, singeleza e asseio de bordo. Altas paredes nuas e caiadas. Luz entrando, a jorros, por largas janelas ogivais. Parece que a luz, serenamente, oficia ali dentro.

Entretanto, escutam-se ali sussurro de vozes, ciclo de preces, estertor de gemidos...

Gente de preto. Um pano negro, com uma cruz negra, de galões de prata, ao chão. Um sacerdote, o cura, revestido de preto, entoando orações. E, lá fora, porém fazendo-se ouvir, nítido, cá dentro, o sino dobrando, dobrando a finados...

Padre Nosso! Ave Maria! Qual será a alma por quem os Navegantes choram?

E, logo, da reminiscência, como de uma campa recente, o seguinte anúncio ressalta, como um epitáfio:

Paulo Nunes Guerra, comandante do vapor Maroim, oficiais e tripulantes do mesmo vapor, convidam a todas as pessoas de amizade, e conhecidas do mesmo, para assistirem a uma missa que mandam celebrar, no dia 7 do corrente às 8 horas da manhã, na Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, por alma do seu lembrado companheiro, mestre do vapor Gabriel dos Santos Marnote, falecido no dia 27 do próximo passado, em alto mar, levado por uma onda, do convés do mesmo vapor, em viagem do Rio de Janeiro para este porto. (...)

la a maruja¹ do Maroim, na sua perigosa faina, rindo e brincando, certa de que aquele Mar, ora tão bravo, não tardaria a se tornar manso e a se fazer de rosas, quando, de repente, ele lhe praticou uma das duas dolorosas surpresas.

De um golpe, golpe para ele insignificante e de mestre para os que lhe sofriam as conseqüências, ele lhe arrebatou um companheiro, um mestre de bordo.

A um marinheiro, que pretendeu contrariar-lhe os desígnios, interpondo-se entre ele e a vítima escolhida, o Mar, em um simples repelão, atirou-o de encontro à amurada, arrebatando-lhe o peito, fazendo-o golfar sangue pela boca.

Quanto ao mestre, lá se foi ele, de botas, japona e sueste², tão facilmente como o seu navio, servir de joquete às ondas! (...)

Agora, estamos na doce e alegre capelinha votiva dos Navegantes.

Os sinos dobram, gemendo. (...) Uma numerosa assistência, quase toda de homens do mar, homens rudes, homens fortes, mas homens bravos, homens leais, consternada e prosternada, soluça e chora.

Esses homens, que não se temem do furor dos elementos, que não se temem de nenhum perigo, que não se temem da própria Morte, cultuam sinceramente uma afeição, sentem amargamente uma ausência, choram profundamente uma Saudade! (...)

1. Maruja: os marinheiros.
2. Chapéu usado por marinheiros, com cobertura para a nuca.

Sobre o autor

Sob o pseudônimo de **Leo Pardo**, a que não falta uma dose de auto-ironia (ele era mulato), o cidadão Paulino Azurenha publicou, nos últimos anos de sua curta vida, uma seção de crônicas no *Correio do Povo*. Crônicas sempre neste tom melancólico e impressionista, poderíamos dizer simbolista pelas reiterações e as maiúsculas, com ênfase em descrições que buscam os aspectos sensoriais antes dos materiais ou racionais. Azurenha foi um jornalista de carreira notável: nascido em 1861, na Capital, trabalhou como gráfico por muitos anos, até que, em 1895, passou a escrever também. Em 1897, compõe a seis mãos, com Souza Lobo e Mário Totta, o romance sensacionalista *Estrichinina*, sobre episódio real - um pacto de morte entre dois amantes. Faleceu em 1909. Na crônica que aqui se republica (a que se deu um título agora, eis que no jornal só constava o nome da seção, "Semanário"), Azurenha nos lembra que Porto Alegre era, mesmo, um porto que, mais do que cais e armazéns, tinha gente, marinheiros que saíam daqui para o mar - e eventualmente morriam, como o pranteado Gabriel, que ganha a derradeira homenagem de seus companheiros. Informa Sérgio da Costa Franco que a atual Igreja dos Navegantes é a segunda de mesmo nome, tendo sido concluída em 1912, no mesmo lugar da outra, a que figura na crônica de Leo Pardo, destruída por incêndio em 1910.

José Paulino de Azurenha

Nasceu em 1861, em Porto Alegre, onde também faleceu a 2/7/1909. Jornalista negro, trabalhou no *Jornal do Comércio* e no *Correio do Povo*, que acompanhou desde a fundação em 1895, até sua morte, em 1909. Cronista, publicava seus líricos comentários sob o título *Semanário*, alguns dos quais foram postumamente publicados em livro. Em parceria com Mário Totta e J. C. de Souza Lobo, escreveu também o romance *Estrichinina*, Livraria Americana, 1897. Deixou, ao morrer, 5 filhas menores. É homenageado na Rua Paulino de Azurenha, do Bairro Partenon, desde a Lei nº 2, de 6/7 /1936. (*In Porto Alegre, Guia Histórico, de Sérgio da Costa Franco, edição Livraria da Universidade [UFRGS], 1988*).